

Flexibilização, sinônimo de bom senso

Herbert Levy *

As notícias de que o novo ministro do Planejamento, Antônio Kandir, pretende levar o governo a flexibilizar a política de defesa do real, de que nos dá conta a Gazeta Mercantil de ontem, em reportagem de Ivanir José Bortot, de Brasília, são bem-vindas e significam a volta do governo para o caminho do realismo e do bom senso.

O governo contemplava um déficit na balança comercial deste ano de cerca de R\$ 1 bilhão. Isso dá bem a medida da seriedade com que será preciso mudar os dados da economia, corrigindo uma situação desastrosa de estímulo às importações e desestímulo às exportações que a equivalência do real com o dólar vinha promovendo.

Resolver o problema cam-

bial com os dólares dos investimentos de curto prazo, o famoso dinheiro quente, não permite que se subestime a gravidade do problema.

Quanto irão custar para o Brasil esses mais de US\$ 50 bilhões da nossa reserva cambial, engordados com as taxas de juro que rendem os investimentos de curto prazo?

Kandir quer plano para conter gastos e aumentar receita da União

Poderíamos chegar a uma situação de inevitável insolvência, fazendo com que a crise mexicana, que abalou as finanças mundiais, fosse sucedida pela crise brasileira.

O governo procurou aliviar a situação da lavoura com créditos a juros mais baixos e ela está sendo aju-

dada em vários setores por importantes preços internacionais mais altos, graças à violenta seca nas regiões produtoras dos Estados Unidos. Também foram concedidos créditos a juros mais baixos a setores da indústria e do comércio, sobretudo na área das pequenas e microempresas. Foram demonstrações positivas, mas insuficientes.

Evidentemente que Fernando Henrique, ao insistir no nome do deputado Antônio Kandir para substituir José Serra, sabia muito bem como ele pensava e, assim, reconhecia a necessidade de mudanças, revelando



realismo e bom senso.

O crescimento sensível nos investimentos industriais vai nos ajudar nesta situação de perspectivas graves porque a qualidade moral do governo, repetido pela enésima vez, é fator de considerável atração para os investidores.

Temos outros elementos para nos ajudar nessa perspectiva de crise grave. Um dos principais é o processo de privatização e outro é o ajuste fiscal.

Kandir se expressa de modo decidido quanto à efetivação desses dois pontos. Nesse importante registro sobre as intenções do novo ministro

Kandir, Bortot consigna: "Kandir tem vontade de levar adiante o programa de privatização e o ajuste fiscal. Com isso há possibilidade de flexibilização maior dos atuais instrumentos monetários", disse a este jornal um dos formuladores do Plano Real.

"Antônio Kandir já deixou claro, mesmo antes de tomar posse, que espera privatizar a Vale do Rio Doce neste ano. O processo de venda da Vale deverá ser iniciado no segundo semestre, como já tinha sido planejado pelo ex-ministro José Serra. Uma parte dos recursos será usada para viabilizar o terminal de transporte hidroviário do Tocantins/Araguaia."

"Kandir tem dito a seus auxiliares que deseja construir um arrojado plano para conter gastos e aumentar receitas da União. A redução do custo Brasil e mesmo a criação de um programa especial de estímulo às expor-

tações começam a ser levantadas em discussões internas do governo como alternativas para reduzir o déficit da balança comercial."

Bem-vindos esses objetivos do novo ministro.

Ele demonstra, ainda, seu realismo a prazo menos curto, quando defende a conclusão do terminal de transporte hidroviário do Tocantins/Araguaia, tão importante para barateamento de importações e exportações do Brasil, com parte dos recursos das privatizações.

Parece que a presença de Kandir no governo vai provocar mudanças não apenas urgentes mas também inadiáveis para fugirmos a uma crise de grandes proporções que poderia marcar de modo fortemente negativo a economia brasileira no plano internacional.

* Presidente do conselho de administração da Gazeta Mercantil.